

LUZ & CENA

Rabisco

Um Cachorro Perfeito

Espectáculo mistura curiosas técnicas e ferramentas cênicas

Barra Music

Por dentro da mais nova casa noturna do Rio de Janeiro

Granulação máxima

Película com excesso de grãos dá charme a novo clipe da cantora Céu

Câmeras profissionais

Realizando os primeiros ajustes em seu equipamento

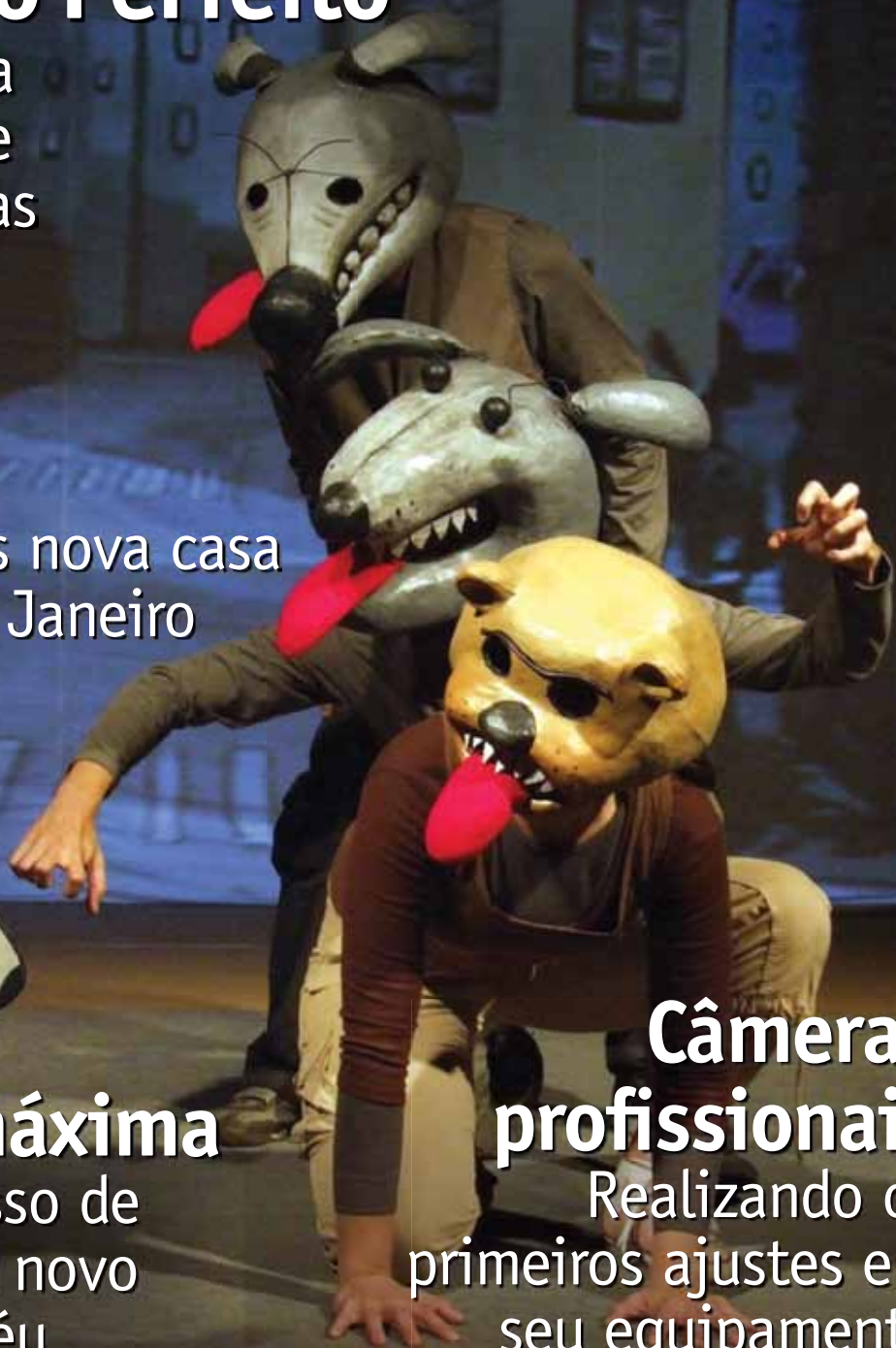
Editora Música & Tecnologia

ISSN 14152630



9 771415 263007 12152
ANO XV - março 2012 - Nº 152
www.luzecena.com.br

R\$ 8,00





LUZ & CENA

março 2012

foto capa: Gil Grossi



24

capa

Rabisco - Um Cachorro Perfeito

Maracujá Laboratório de Artes apresenta espetáculo que mistura curiosas técnicas e ferramentas nos palcos
por Fernando Barros



18

casa noturna

Barra Music: novo espaço brilha na zona oeste do Rio de Janeiro

por Fernando Barros



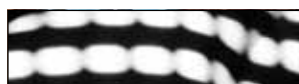
34

videoclipe

Película com excesso de grãos dá charme a novo clipe da cantora Céu

por Rodrigo Sabatinelli

EDITORIAL	4
PRODUTOS	6
DESTAQUE	10
EM FOCO	12
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA PARA VÍDEO	40
OPERAÇÃO DE VÍDEO	42
EDIÇÃO DE VÍDEOS COM FINAL CUT PRO	48
ILUMINANDO	52



56

galeria

Natural como a alma

por Edgar Neumann



EDITOR
MARCIO TEIXEIRA
(marcio@luzecena.com.br)

GERÊNCIA FINANCEIRA
LUCINDA DINIZ

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
FARLEY DERZE, GLAUCO PAGANOTTI,
LÉO MIRANDA E RICARDO HONÓRIO

REDAÇÃO
FERNANDO BARROS
RODRIGO SABATINELLI E
BRUNO BAUZER
(redacao@luzecena.com.br)

DIREÇÃO DE ARTE / DIAGRAMAÇÃO
CLIENT BY - clientby.com.br
FREDERICO ADÃO

PUBLICIDADE
MÔNICA MORAES
(monica@musitec.com.br)

ASSINATURAS
KARLA SILVA
(assinatura@luzecena.com.br)

DISTRIBUIÇÃO
ERIC BATISTA

GRAFICA EDITORA STAMPPA LTDA.

LUZ & CENA É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA
EDITORA MÚSICA & TECNOLOGIA LTDA, CGC
86936028/0001-50, INSC. MUN. 01644696 E
INSC. EST. 84907529

ASSINATURAS
EST. JACAREPAGUÁ, 7655 SL. 704/705
JACAREPAGUÁ – RIO DE JANEIRO – RJ
CEP: 22753-900
TEL/FAX: (21) 3079-1820
(21) 3579-1821
(21) 3174-2528

E-MAIL: ASSINATURA@LUZECENA.COM.BR
WEB SITE: WWW.LUZECENA.COM.BR

NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NESTA REVISTA.

LUZ & CENA NÃO SE RESPONSABILIZA PELO CON-
TEÚDO DOS ANÚNCIOS VEICULADOS.

Fugindo do lugar-comum

O caminho mais fácil, mais comum, não é, necessariamente, o mais bonito ou aquele artisticamente mais interessante. Na verdade, é quase certo que toda arte criada no modo *default* acabe não se transformando no que ela poderia ser. Embora as fórmulas para o sucesso estejam aí, disponíveis para todo e qualquer diretor de teatro, videomaker, iluminador ou cinegrafista, o resultado alcançado a partir do emprego de novas técnicas, de experimentação sem medo, acaba sendo muito mais recompensador no momento em que o criador se depara com a criatura.

Em um mundo de tecnologia digital, com máquinas capazes de registrar imagens com um número cada vez maior de megapixels, ainda pode-se filmar com filme vencido, obtendo um resultado torto, granuloso, mas extremamente real, vivo. Com todas as imperfeições inerentes à nossa existência humana. O que os diretores Renan Costalima e Ivo Lopes Araújo fizeram no novo vídeo da cantora paulista Céu, *Retrovisor*, foi isso: subverteram a lógica do mundo da perfeição, do exagero plástico e do efeito especial por meio de uma verdadeira poesia visual de baixa fidelidade. Para acompanhar de perto como foi o “nascimento” do vídeo, é fácil: basta ir à página 34.

Contar uma história infantil pode ser a coisa mais fácil do mundo. Às vezes, apenas o som das palavras, e não o significado delas, é o suficiente para entreter crianças por muito tempo. Apresentar personagens supercoloridos com vozes e trejeitos do tipo “já vi esse boneco em alguma outra peça...” também se mostra uma opção “segura”, fácil, simples. Mas por que fazer assim? Por que fazer igual? Será que não estão subestimando a garotada? Na nossa matéria de capa desse mês, que pode ser conferida a partir da página 24, o grupo Maracujá Laboratório de Artes, responsável pelo espetáculo *Rabisco - Um Cachorro Perfeito*, mostra como falar aos pequenos pode ser uma fantástica viagem. Com atores que movimentam bonecos em uma maquete, filmam a ação e mandam as imagens para o telão do palco e um personagem principal que pode tanto ser uma imagem no telão quanto um boneco motorizado que contracenava com gente de carne e osso, a peça é um espetáculo multilinguagem, multitécnicas, multitudes, que vale a pena ser conferido ao vivo e, claro, compreendido por meio do texto que você encontra nesta AM&T 152.

E o Barra Music, que logo após ser inaugurado já se tornou referência nas baladas da zona oeste da Cidade Maravilhosa? Se seus diretores fossem pelo caminho mais simples, buscando diferenciais “qualquer nota” em termos de luz, palco, som e tecnologia em geral, certamente não obteriam o sucesso que já alcançaram, e com tamanha velocidade. A matéria sobre a nova casa noturna está logo ali, na página 18.

Pois é... Quem vai ao teatro, à boate ou consome arte em casa, vendo um filme em DVD ou clicando em “play” num vídeo do YouTube, não é apenas fã da clareza de imagens e do lugar comum no contar de histórias. Ele também se rende ao diferente, ao ousado. Mas, sim, quando o ousado e o diferente são, acima de tudo, bons. Aí está a chave da questão.

Boa leitura!

Marcio Teixeira

O SABOR DA LUZ

ARTE E CIÊNCIA

A letra da música de Chico Buarque começa assim: “a novidade que tem no Brejo da Cruz é a criançada se alimentar de luz”. E a música termina com a frase “que eram crianças e que comiam luz”. O nome da música é *Brejo da Cruz*. Comer luz foi a frase que ficou ressoando na minha mente e me provocou a imaginação. Imaginei crianças que, comendo luz de boca aberta, deixavam escapar flashes e se lambuzavam de azul, amarelo, verde, vermelho... Delícias luminosas mastigadas com alegria.

Quando li o livro *Doze Contos Peregrinos*, do colombiano Gabriel García Márquez, encontrei um conto chamado *A luz é como água*. É a história de Totó, um menino de nove anos, e de seu irmão Joel, de sete. Numa quarta-feira, seus pais foram ao cinema e os meninos quebraram a lâmpada acesa de um lustre da sala. Um jorro de luz dourada e fresca feito água começou a sair da lâmpada quebrada. A enchente de luz atingiu a altura de quatro palmos, quando então os irmãos desligaram a energia, pegaram um barco que ganharam de presente dos pais e flutuaram pela casa inundada de luz. Imagino os dois irmãos a remar dentro de casa, a colher com as mãos um gole da água durante o passeio.

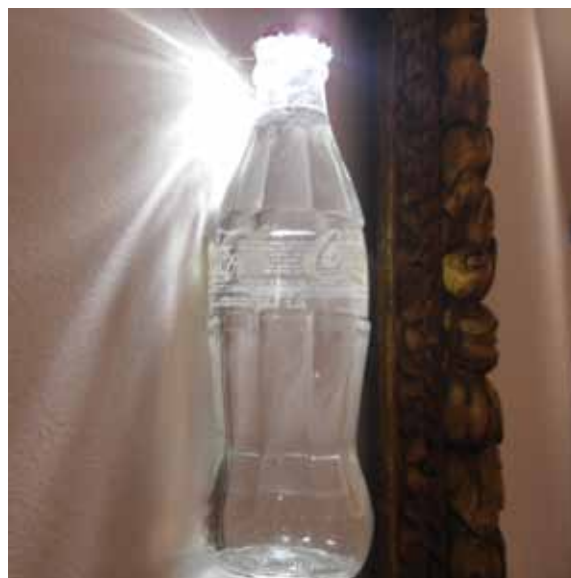
Qual seria o sabor da luz que jorrou da lâmpada feito água ou da luz que serve de alimento às crianças do Brejo da Cruz? Em 2005, acadêmicos de Harvard conseguiram congelar a luz. Uáu... Quando li a matéria, a primeira imagem que me veio à mente foi a de um copo com água e “cubos de luz congelada” a cintilar dentro dele. A música de Chico Buarque, o conto de Gabriel García Márquez e os cientistas de Harvard iluminam nossa imaginação.

METÁFORA DO SABOR

Em abril de 2011, estive na EuroLuce, uma feira internacional que ocorreu em Milão, Itália. Novas tecnologias



Farley Derze



Farley Derze

dialogavam com designs tradicionais ou contemporâneos de luminárias, de bulbos, de efeitos... Andar pela feira era ouvir uma sinfonia de luzes a ecoar nos espaços. No terceiro dia de visita, me deparei com um estande onde várias pessoas se amontoavam diante de alguma coisa. Todos usavam suas máquinas fotográficas e disparavam cliques de vários ângulos numa mesma direção. Ao me aproximar, vi que era um quadro com moldura clássica, e em vez de uma suposta Monalisa, havia uma garrafa de Coca-Cola cheia de água e um LED fixado na tampa a brilhar no interior da garrafa. O nome da obra era “Coca Light”. Fiz várias fotos daquela metáfora do sabor.

UM CONTO - NO SÉCULO 58

Ezred é o nome do imperador da galáxia de Nnamrot no ano de 5701. Duas naves imperiais avançam lentamente governadas pelos comandantes Sacul e Ordep, que, juntos, nunca perderam uma batalha no espaço sideral. Ambos já foram gravemente feridos e chegaram a ser reanimados, mas não com descargas elétricas como se fazia no século 21, e sim com cápsulas de luz. As cápsulas de luz só podiam ser usadas sob ordem do imperador para guerreiros em estado de morte declarada. Desde a invenção das cápsulas, no século 53, uma onda de crimes passou a ameaçar a estabilidade do império, e, conseqüentemente, de toda a galáxia de Nnamrot. O motivo da rede de crimes era um só: o contrabando das cápsulas de luz, porque uma vez ingerida, representava 100 anos a mais de vida em estado de juventude imutável.

Cinco séculos após a invenção desta “fonte de eternidade”, portanto, no século 58, o imperador Ezred descobriu que um dos planetas da galáxia se encontrava povoado de jovens eternos que acumulavam experiência de guerra e experiência política há pelo menos 300 anos. Eram todos liderados por Nosreme, que, a essa altura, planejava um levante contra o imperador. As naves de Sacul e Ordep avançavam para conter o levante. Esses dois comandantes, fiéis ao imperador, tinham 400 anos cada um, ressuscitados de outras mortes pelas cápsulas de luz. A missão de ambos era capturar o líder do levante, o engenheiro Nosreme, inventor das cápsulas de luz para a vida eterna.

Nosreme planejava o ataque porque não se confor-

mava com a perda de sua mulher Ailiram e de sua filha Arodasi, resultado de o imperador Ezred não ter autorizado o uso das cápsulas para ressuscitá-las após morrerem definitivamente pelo envelhecimento. Desolado, Nosreme planejou lentamente a formação de um “exército de jovens eternos” (EJE), todos munidos de conhecimento geocósmico, biomecatrônica e eletroluminoquímica, portanto, prontos a se ajudarem mutuamente em caso de morte. Bastava colocar uma cápsula de luz sob a língua do companheiro morto. A cápsula, ao derreter, durante 14 segundos libera a luz que penetra na circulação sanguínea. Os fótons se ligam magneticamente aos aminoácidos e reprogramam eletronicamente a estrutura de cada célula do corpo, de cada proteína, de modo que mais 100 anos de estabilidade juvenil se configure, com o descarte gradual de células antigas, pouco a pouco substituídas por novas matrizes celulares.

Havia outro motivo para que Sacul e Ordep capturassem Nosreme no planeta que servia de sede de seu exército: o imperador Ezred só tinha mais uma cápsula de luz, e apenas Nosreme, o engenheiro inventor, poderia ensinar a fórmula e reativar o antigo laboratório controlado pelo governante. Portanto, Nosreme precisava ser capturado vivo. Morto, a vida humana voltaria a não alcançar os 115 anos, como era no século 22. Nosreme morto era sinônimo de uma vida humana inferior a 115 anos, como era no século 22. Ninguém conhecia o sabor da luz daquelas cápsulas, visto que só podiam ser usadas para ressuscitar um morto, que, ao reviver, não sentia nenhum gosto específico, uma vez que a cápsula já havia se derretido em luz. Tragá-las em vida desestabilizava o sistema eletroluminoquímico e em poucos minutos se morria “intoxicado” de luz, sem chance de ressuscitação, sem tempo para se dizer qual o sabor daquela luz.

Às 27h40min, as duas naves imperiais pousam no planeta onde vive Nosreme. Só a diplomacia de Sacul e Ordep pode evitar a tragédia de uma guerra entre dois poderosos exércitos com armas de alto poder de destruição e preservar a vida de Nosreme, o único a possuir a fórmula, cuja morte deixa suspensa a experiência da eternidade humana. Nosreme recebe em seu gabinete os comandantes Sacul e Ordep. A porta se fecha magneticamente. Resta-nos aguardar o desfecho dessa negociação.



A CULINÁRIA TECNOLÓGICA E ARTÍSTICA

Enquanto não chega o século 58, aqui na Terra, e com o século 21 a todo vapor, uma grande experiência de sabor que a luz nos dá vem da culinária tecnológica e artística, que exala aromas pelas mãos dos profissionais da iluminação cênica. Tanto eles quanto o público saboreiam o modo como a luz dialoga com os textos teatrais, gesticula com os movimentos da dança, ganha ritmo com os acordes sonoros *high tech* dos shows de música e sussurra segredos na sombra chinesa, só para citar alguns exemplos. A plasticidade das cores e dos movimentos de luz que estruturam técnica e esteticamente a linguagem da iluminação cênica parece ter exercido influência

sobre profissionais de outras áreas, como arquitetos e engenheiros, que descobriram formas de lidar com a luz no meio urbano, nas fachadas arquitetônicas, nas pontes ou monumentos históricos e contemporâneos.

No cardápio atual de ingredientes, como luz, espaço, formas e superfícies, a iluminação cênica nos apresenta como o “prato do dia” as projeções conhecidas como vídeo-mappings. Edifícios tornam-se o “ciclorama da cidade”. Valoriza-se a arquitetura na cidade noturna. Ganha o público, porque desfruta de um prazer. Ganha o município, porque a luz, as cores e os movimentos transformam edificações e vias públicas em

cenários urbanos que atraem turistas com suas máquinas fotográficas, cujas fotos irão atrair futuros turistas, e tem-se uma economia movimentada. É uma oportunidade para investimentos em infraestrutura cultural, tecnológica e hoteleira.

A iluminação cênica, esta ave que flutua pelas asas da ciência e da arte, convida a jantar na mesma mesa os iluminadores, arquitetos, engenheiros, diretores de teatro, cenógrafos, técnicos de luz, eletricitistas, VJs, professores de iluminação e pesquisadores, para que dialoguem em rede e compartilhem seus planos, projetos, realizações e experiências.

Cada um contribui com suas cápsulas de luz para dar sabor visual aos espaços internos e externos do mundo heterogêneo em que vivemos.

Cada profissional é um pedaço de eternidade.



Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação, diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural e membro do Núcleo de Estética e Semiótica da UnB. Doutorando em Arquitetura. E-mail: diretoria@jamiletormann.com